



Escutas

Práticas públicas, experimentais e engajadas

Organizadores: Ludmila Y. M. Frateschi e
Oswaldo F. Leite Netto
Editora: INM, 2025, 389 p.

Resenhado por:
Mariano Horenstein,¹ Córdoba, Argentina

Prender o universo em uma teia de aranha

Resenhar um livro é praticar uma forma de crítica, como também pode ser – no campo da psicanálise – participar do júri de um prêmio ou selecionar trabalhos para um congresso. Uma diferença evidente reside no fato de que esse exercício se realiza a posteriori, e não antes do evento que importa (nesse caso, a publicação). Qual seria então o sentido de uma resenha, se o livro já está ao alcance do leitor? Uma resenha, de certa forma, funciona como um filtro. Em um mundo editorial onde se publica tanto que é virtualmente impossível estar a par de todas as novidades, não é impertinente ter quem recomende – ou não – uma leitura na qual seria investido o precioso tempo do leitor. Seria ainda mais econômico para o tempo do leitor se quem resenha oferecesse uma espécie de resumo, que ocasionalmente poderia substituir a leitura.

Revelo minhas cartas desde já: não há nesta resenha nenhuma síntese, pois trata-se de um texto tão polifônico, rico em nuances e complexo em seu movimento rizomático, que qualquer tentativa de o resumir seria banal. E se estas linhas chegam ao leitor é porque – obviamente – o livro em questão me pareceu digno de leitura, e talvez valha a pena esclarecer o motivo.

Devo confessar que aceitei o encargo de resenhá-lo para a RBP de maneira quase automática e, de repente, tensionado por outros compromissos, me deparei com o problema de que chegava o deadline e não apenas não tinha escrito nenhuma linha, como sequer havia começado a leitura. Sob pressão,

1 Membro da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e do grupo internacional de pesquisa Geografias da Psicanálise. Membro do Conselho da IPA e ex-editor da revista *Calibán*. Sua trajetória acadêmica e profissional foi reconhecida com distinções como os prêmios Universidade (UNC, 1991), Elise Hayman Award for the Study of the Holocaust and Genocide (IPA, 2011) e Fepal (2020).

comecei a fazer tanto o trabalho de leitura quanto o de escrita, tão rápido quanto era possível, apenas como uma função. Mas quando comecei a leitura, feliz ou infelizmente, me tornei vítima de um certo feitiço. Eu me deparei com um texto tão estimulante, tão oxigenante e comovedor, que a escrita desta resenha revelou para mim o que talvez seja o objetivo de qualquer resenha: uma certa gestão do entusiasmo. Uma resenha pode ser uma recomendação de leitura, o desejo de compartilhar com os outros, semear um vírus contagioso, prometer ao eventual leitor que vai valer a pena conceder a um livro – este livro – aquilo que temos de mais precioso: o nosso tempo.

E isso que o livro chegou a minhas mãos no pior formato possível, o digital, privando-me da sensualidade que intuo que ele tenha enquanto objeto analógico. Dessa forma, como disclaimer, declaro que ainda não segurei uma cópia física do livro em minhas mãos, mas prevejo que – quando chegar – vou gostar dele. Esta resenha imagina então o livro a partir de um austero arquivo digital, o imagina como objeto, com peso e cheiro, mas esse peso e esse cheiro não são apenas os do objeto-livro que ainda não tenho, senão os das práticas que o habitam, das quais este livro é um testemunho escrito.

Cada capítulo é, na verdade, uma seção das jornadas que esta publicação registra, e cada título, que remete aos grafites situacionistas do Maio Francês, prende o leitor, induz um clima revoltoso, sensual, ligando lugares e épocas diferentes, onde a Paris de 68 fica emparelhada à Sampa de 2024. Como não tenho o livro, posso imaginar perfeitamente uma capa na qual Hélio Oiticica teria serigrafado: “Seja marginal, seja herói”. Funcionaria muito bem.

A materialidade das letras e sua poesia de rua – “Procuro o que ainda não perdi, de onde vem tua fala”, “Mantenha-se mutável”, “Deixa a gíria girar”, “Dançar quando a rua é pista”, “Estar aqui é uma escolha”, “A rua vasta e a pele fina”, “Tentar sustentar”, “Amai-vos uns aos loucos” – desenhavam um manifesto que serve de contraponto ao relato escrito, ao alinhavo significativo que tenta apreender experiências que decantam aqui, atravessadas por um trabalho de reflexão coletiva. Esse contraponto ecoa um anterior, o qual acontece entre a dimensão da experiência de uma psicanálise extramuros, em extensão, comprometida inclusive politicamente – se resgatamos aquilo que o político diz do lugar do psicanalista na pólis, mais do que uma eventual posição partidária –, e um nível de reflexão que surpreende por sua sofisticação teórica.

A dimensão política se infiltra em cada frase do livro, tanto em seus enunciados quanto em sua enunciação. Por exemplo: quando denuncia que foi a presença de caminhoneiros bolsonaristas bloqueando caminhos que impossibilitou uma outra presença, a de muitos participantes de cujas jornadas este livro é efeito. As palavras, entretanto, atravessam barricadas e piquetes, e os ecos da oralidade comprometida se propagam na escrita, fazendo que cada um, como leitor, de repente se encontre sentado no auditório onde aconteceram os debates,

ao longo de dois dias, em que se alternaram seis mesas com experiências comunitárias e institucionais atravessadas pela psicanálise, sua exposição infiltrada por aparatos teóricos complexos e os debates que suscitaram.

A disciplina da Escuta, em torno da qual se constituiu o método analítico, se pluraliza desde o título: trata-se de Escutas, múltiplas, diversas, comprometidas.

Contra os preconceitos frequentemente suscitados em um clínico relato de práticas artesanais, bem-intencionadas, aparecem aqui, em vez disso, práticas incubadas a partir de e tematizadas por teorias. E nossas teorias, a partir do solo dessas práticas territoriais diversas, comprometidas, se revitalizam, se oxigenam. Dessa forma, a discussão entre teoria e prática, entre clínica e cultura, entre comunidade, instituição e consultório, deixa de ser dilemática e torna-se dialética, nos termos de Enrique Pichon-Rivière. Anekdotes e referências circulam confortavelmente – comunitariamente – em um livro que poderia ter o formato de uma fita de Moebius, não fosse o fato de que o formato de livro – esse objeto analógico do qual sinto falta enquanto leio um documento digital – se mostrou tão eficiente que, como a roda, não requereu grandes mudanças em suas centenas de anos de existência.

Walter Benjamin – se este livro houvesse caído em suas mãos – o teria recebido com cumprimentos. Pois Benjamin se empenhou em resgatar dois pontos centrais da virada epocal da qual foi testemunha: a destruição da Experiência e a perda do espírito da Narração.

Ao constatar que os soldados voltavam da Grande Guerra traumatizados, mudos, incapazes de pôr em palavras as suas experiências, Benjamin – ao descobrir uma Experiência destruída – acertava na mutação epocal que acontecia havia um século. Mas não chegou a ver que, ao mesmo tempo, a algumas centenas de quilômetros, Freud calibrava um dispositivo – a psicanálise em suas coordenadas clássicas – que funcionava como antídoto contra aquele veneno, projetado para restaurar a experiência perdida.

Ao mesmo tempo, Benjamin denunciava a perda de certa forma de contar histórias, por parte dos mais velhos, em volta do fogo; uma experiência da Narração que nucleava coletivamente em torno dos relatos, postos em xeque pela ascensão vertiginosa da informação vulgar. A psicanálise, de certa maneira, em sua promessa de reescrita do passado, também oferece um antídoto aqui, a recuperação de uma Narração perdida, e de uma voz que ousa enunciá-la em primeira pessoa.

Neste livro, a leitura de histórias e experiências resgatadas nos mostra tanto Benjamin quanto Freud em seu melhor estado, na contramão da ultramodernidade gasosa que habitamos hoje. Com isso, torna-se um livro anacrônico, no melhor dos sentidos (esse explorado por Giorgio Agamben, e que tão bem acomoda a psicanálise).

Há algo talmúdico nos debates transcritos, um comentário do comentário do comentário, mas não da maneira habitual – que me parece entediante – do comentário lacaniano de textos. Este livro não é totalmente talmúdico porque não há aqui um *texto* sagrado a partir do qual se discute, mas uma *experiência* sagrada, que precisa ser colocada em palavras e que, como um motor incandescente, ilumina discussões extremamente reais.

Contudo, este livro não é apenas um relato – que sempre corre o risco da banalidade – de experiências institucionais, nem um pretensioso discorrer ultrateórico, mas o feliz cruzamento entre experiência e pensamento, que emociona e nos incita a continuar (cultivando experiências e pensando nelas).

Sua estrutura – que reflete a das jornadas – se transforma em um andaime de palavras montado sobre uma experiência brutal, subjetiva e transubjetiva, absolutamente situada; um andaime que não apenas permite a quem habita e pensa essa experiência sustentar-se para não cair, mas também sustenta a própria matéria da experiência, recriando fora dos consultórios a dupla via do deciframento do experienciado e da terapêutica por adição que caracteriza a psicanálise intramuros à qual estamos mais acostumados.

A psicanálise não é o setting, mas o dispositivo, uma noção mais ampla e menos contratual, e esse dispositivo – que consiste apenas em duas regras e uma lei de ferro – é sem dúvidas originária e fundamentalmente clínico. No entanto, seria mesquinho, e antifreudiano, reduzir nossa disciplina a esse lugar íntimo do consultório, que brilha como o espaço mais hospitaleiro dos que já foram inventados, para dar lugar não apenas à subjetividade da espécie humana, mas à possibilidade de que tal subjetividade, articulada em uma narração, seja reescrita. Então, com os ajustes necessários, o dispositivo viaja, se estrangeiriza, e onde ele aterrissa – na instituição, na rua, em uma praça pública ou na selva – algo muda, a possibilidade de algo ser dito a partir de uma escuta sem preconceitos torna habitável espaços coletivos que poderiam converter-se em desumanos.

E assim como o dispositivo clássico viaja na série de experiências resenhadas, também viajam os conceitos, tal como aventurara Mieke Bal, transformando-se em conceitos viajantes, que atravessam práticas e disciplinas e abandonam o terreno seguro do jargão em que os reconhecemos.

Se eu pudesse conhecer um psicanalista com quem não tenha tido a oportunidade de conversar em pessoa, não escolheria Freud, nem Lacan, Bion ou Winnicott. Desejaria conhecer Pichon-Rivière. Meu consultório fica em frente a um edifício onde funcionava um antigo hospital psiquiátrico, que Pichon-Rivière, um dos pioneiros da psicanálise latino-americana, frequentava para curar seu alcoolismo. Ali, entre loucos, ele mesmo ministrava seminários aos médicos que o tratavam. Gostaria de me deslocar no tempo para

atravessar a rua e ir escutá-lo. Tanto quanto gostaria de ter participado das jornadas das quais este livro é testemunho.

Pichon-Rivière não tinha medo nem do manicômio nem da rua, e podia tanto fundar uma instituição pioneira na América Latina como a Associação Psicanalítica Argentina (APA) quanto virar explorador de uma psicologia social de base psicanalítica. Enquanto escrevia crônicas da vida cotidiana para uma audiência massiva, em pleno auge da psicanálise na Argentina, afirmava que para ser psicanalista era necessário ter “rua e coração”, ou também – a memória é vacilante e atrevida – “cotovelo no balcão”.

Este livro, o tecido de experiências e saberes, de relatos e conversas que o compõe, é um livro que Pichon-Rivière – assim como Benjamin – também teria amado ler. E qualquer psicanalista para quem a neutralidade analítica não seja um alibi, qualquer um para quem esses ingredientes – rua e coração, e quem sabe também o cotovelo no balcão – sejam parte indissociável do desejo de analista que os move, não deveria perder essa leitura.

Este livro, no qual encontro ecos de outros que li – inclusive da mesma geografia, como *A psicanálise nas tramas da cidade*, organizado por Bernardo Tanis e Magda Guimarães Khouri, ou *Práticas psicanalíticas na comunidade*, organizado por Sonia Terepins e Silvia Bracco –, no decantado de experiências que recolhe, equivale a uma dose necessária de entropia negativa para que não apenas as instituições mas também a própria psicanálise vibrem, acordem, revivam. E é muitas outras coisas também, entre elas – como diz um psiquiatra-palhaço em suas páginas – um *slam*, uma batalha de poesia. Quem sabe parte do seu efeito poético resida no frescor dos testemunhos, oxigênio para uma prática que se não se abre se cristaliza, se não se oferece fertilizações cruzadas se torna entrópica, se não se descompleta morre.

Talvez estejamos acostumados a ler as histórias que emergem dos hospitais psiquiátricos como histórias clínicas, como casos, apresentações de doentes que, por mais interessantes que sejam – e são –, encontram um limite rápido. Às vezes, os sujeitos retratados nessas histórias clínicas recuperam sua voz e se descolam da objetualização por parte do discurso psiquiátrico. Isso aconteceu, por exemplo, com Arthur Bispo do Rosário, um louco internado em um hospício carioca que, sem querer – enquanto cartografava o mundo por um mandato delirante –, virou uma referência internacional da arte contemporânea.

Entretanto, mesmo em alguém com o talento de Bispo do Rosário – poderia ser considerado um alter ego de Lima Barreto, com quem as jornadas abrem e o livro fecha? –, sua voz encontra limites em um universo fechado, autorreferencial. Aqui, porém, na trama coletiva de experiências, relatos e teorizações, se trata de outra coisa. A partir do mesmo substrato clínico, o trabalho se potencializa ao encontrar uma rede, se propaga reticularmente. E aí, quem sabe, uma imagem que o reflita seja a de outra expressão da arte contemporânea,

um trabalho de Tomás Saraceno e sua tentativa de prender o universo em uma teia de aranha (imagem que, por algum motivo, aparece nas páginas deste livro também). Ali o artista constrói instalações escultóricas gigantescas e sutis *entre espécies*, humanos junto à única variedade de aranhas capazes de tecer coletivamente. Nesse tecido, de beleza singular, Saraceno registra também os sons, uma espécie de concerto cósmico de milhares de aranhas trabalhando ao mesmo tempo. Assim – com essa música – imagino, à distância e com meu estrangeirismo, o ocorrido nesses dias no Hospital das Clínicas de São Paulo... E quem não esteve lá, hoje tem a oportunidade de conhecer.

Quem sabe um livro como este não poderia ter sido publicado em outro lugar e, nesse sentido, seus conteúdos, as práticas que aloja, não são somente públicas, experimentais ou comprometidas, mas também *situadas*. Por um lado, na América Latina, continente da promessa, do não acabado, onde se pratica – não é a minha opinião, mas a da grande historiadora da psicanálise Elisabeth Roudinesco – a melhor clínica psicanalítica hoje em dia. E se em termos teóricos ainda não gozamos de reconhecimento suficiente nas antigas metrópoles, quem sabe seja apenas uma questão de tempo. Por outro lado, no Brasil, esse lugar onde – assim como na Argentina as questões identitárias relativas ao gênero propiciaram um espaço teórico e legal de vanguarda – as questões relativas à “raça”, em um país onde a miscigenação é tão evidente, foram relevadas e resgatadas como em nenhum outro lugar. E, por outro lado ainda, em São Paulo, uma megalópole onde coincidem o maior poder econômico com as mais cruéis margens, e incuba-se nesse *maelstrom* experiencial, urbanístico, cultural, artístico, um nível de reflexão que ainda não encontrou seu teto, e do qual este livro é um efeito mais que bem-vindo.

Tradução do espanhol: Dante Rovere

Revisão técnica: Abigail Betbedé

Mariano Horenstein

info@marianohorenstein.com

doi: 10.69904/0486-641X.v59n3.24